

**HISTÓRIA DA ESCRAVA GUIOMAR:
UMA REESCRITA DE A ESCRAVA ISaura
NA LITERATURA DE CORDEL**

Raymundo José da Silva (UEMS)
raysete@gmail.com

RESUMO

Com este trabalho, pretende-se demonstrar a proximidade da literatura de cordel com a literatura brasileira oficial. Verifica-se que o cordel, concretizado na forma escrita por intermédio do folheto, representa um dos mais relevantes produtos da cultura popular com algumas características bem específicas. Em toda a sua trajetória, sempre esteve em contato com outras formas de manifestações artísticas mais prestigiadas e consideradas hegemônicas. Por conseguinte, como exemplo, efetua-se aqui um contraponto entre o folheto de cordel *História da Escrava Guiomar*, de autoria de João Martins de Athayde, e o romance *A Escrava Isaura*, do escritor romântico brasileiro Bernardo de Guimarães. Constatou-se íntima relação entre os dois textos, com nítida coincidência, tanto no que se refere à temática quanto em boa parte do roteiro e dos personagens. Em face da apropriação do texto da literatura oficial pelo cordel, este folheto semelha-se a uma reescrita com versificação do romance; no entanto, pode-se ver que conserva intacta sua identidade como gênero literário distinto; ou seja, preserva as qualidades que o caracterizam como autêntica obra de literatura de cordel.

Palavras-chave: Reescrita. Literatura de cordel. *A Escrava Isaura*.

I. Considerações iniciais

Provavelmente não será absurdo supor que muitos iniciantes dos estudos da literatura de cordel do Brasil amiúde te-

nam, à primeira vista, a ilusória impressão de que essa manifestação cultural esteja completamente dissociada das realizações artísticas mais valorizadas pela crítica oficial especializada. No entanto, ainda que enganoso, esse modo de pensar parece compreensível, uma vez que o cordel, principalmente por ser de origem popular e tradicionalmente produzido e mais consumido pelas classes sociais menos favorecidas, representa uma manifestação literária paralela e muito menos prestigiada que a grande literatura brasileira. Dentre os vários motivos dessa primeira impressão, alguns podem ser mencionados: a imensa dificuldade financeira dos poetas, quase todos de origem humilde, e o artesanal e pouco refinado processo de confecção e publicação dos folhetos de cordel, sobretudo nas primeiras décadas; a maioria desses folhetos, principalmente os mais conhecidos e mais editados, foram produzidos por autores nordestinos de parca escolaridade e geralmente consumidos por um público de instrução escolar igualmente baixa; o antigo isolamento do Nordeste, berço do cordel brasileiro, uma região acossada pela seca, e o contraste em relação às grandes possibilidades de desenvolvimento principalmente da Região Sudeste, onde se localizava a elite econômica e sociocultural do País.

Entretanto, a despeito de todas as desigualdades sociais verificadas na própria Região Nordeste, apesar das vicissitudes enfrentadas pelo homem do sertão, como o analfabetismo e a pobreza, algumas obras de poetas sertanejos conseguiram estabelecer uma estreita relação entre a literatura de cordel e a prestigiada literatura nacional brasileira. Mas convém observar que, em verdade, existem duas vias, uma de ida e outra de volta. Assim, algumas vezes, certas formas de expressão artísticas mais prestigiadas, como a literatura nacional e novelas televisivas mostram ter sido claramente inspiradas nos temas explorados pela literatura de cordel. Deste modo, podem-se citar exemplos, como o romance *Tereza Batista Cansada de Guerra*, que, além de estar ilustrado com xilogravuras, traz, ainda

antes da introdução (p. 10), as seguintes palavras do escritor Jorge Amado: “Peste, fome e guerra, morte e amor, a vida de Teresa Batista é uma historia de cordel”. Outrossim, a canção/tema da novela Saramandaia, exibida em 1976, foi inspirada no folheto de Cordel “Pavão Misterioso”, de José Camelo de Melo Rezende, enquanto “Cordel Encantado”, novela igualmente exibida pela Rede Globo, procurou reunir em seu roteiro os principais elementos que caracterizam a literatura de cordel do Brasil.

Posto isso, esclarece-se que o intuito deste trabalho consiste em demonstrar, a despeito do quanto possa parecer improvável, a nítida relação da literatura de cordel com a literatura brasileira oficial. Pretende-se verificar que o cordel, concretizado na forma escrita por intermédio do folheto, conquanto represente um dos mais relevantes produtos da cultura popular e conserve características bem específicas, em toda a sua trajetória manteve contato com outras formas de manifestações artísticas mais prestigiadas e reconhecidamente hegemônicas.

Por conseguinte, neste trabalho, foi efetuado um contraponto entre dois textos: o folheto de cordel *História da Escrava Guiomar*, de autoria de João Martins de Athayde, e o romance *A Escrava Isaura* do escritor do movimento romântico brasileiro Bernardo de Guimarães. Constatou-se íntima relação entre as duas obras, com evidente correlação, tanto no que se refere à temática, quanto em boa parte do roteiro e dos personagens. Em face da apropriação do texto da literatura brasileira pelo cordel, este folheto semelha-se a uma reescrita mediante a versificação do romance; ainda assim, pode-se verificar que o poema conserva intacta sua identidade como gênero literário distinto, ou seja, preserva as qualidades que o caracterizam como autêntico folheto ou obra representante da literatura de cordel.

Por conseguinte, será feita, a seguir, uma análise onde são confrontados os principais aspectos das duas obras, que

não foram anexadas, mas que podem ser facilmente encontradas de acordo com as referências bibliográficas.

2. *Análise e confronto dos textos: A Escrava Isaura / História da Escrava Guiomar*

Mesmo antes de chegar ao final da leitura do folheto *História da Escrava Guiomar*, de João Martins de Athayde, o leitor poderá concluir que se trata de uma reescrita do livro *A Escrava Isaura* do escritor do Romantismo, Bernardo de Guimarães, em face das semelhanças verificadas entre as duas obras. Também pode-se chegar a essa conclusão porque, como é sabido, o movimento romântico surgiu antes do cordel no Brasil, na segunda parte do século XIX, enquanto o poema, embora não venha datado, – como era comum suceder – provavelmente foi escrito na primeira metade do século XX, época em que Athayde, poeta e editor, mais produziu folhetos e quando o cordel atingiu seu auge no Nordeste. Logo, a impressão marcante é de que o romance e o poema tratam da mesma história, ou seja, cada vez mais o leitor passa a ter a convicção de estar lendo um romance versificado pelo poeta de cordel. Percebe-se a existência de uma forte intertextualidade entre as obras, mas a flagrante semelhança entre ambas não consegue desmerecer o longo poema de 1416 versos metrificados em heptassílabos e distribuídos em sextilhas, que é a modalidade preferida do cordel.

Logo, torna-se quase impossível falar sobre esse poema de cordel sem, paralelamente, fazer referência ao livro de Guimarães, visto que o modo como se faz a inter-relação entre as duas obras talvez represente o aspecto mais significativo e instigante deste folheto. No entanto, cumpre esclarecer que essa proximidade entre os dois textos não constitui raridade, uma vez que o cordel, como já foi dito, costuma aproximar-se de outras atividades culturais e fazer apropriação de temas de ou-

tras formas de arte, como a literatura, o cinema e a novela. Enfim, como ocorre com tantas outras obras consagradas, o formato do enredo desenvolvido por Bernardo Guimarães também não parece original. E a propósito dessa relação verificada entre grande parte das obras nacionais e internacionais e do constante rebuscar das ideias e temas como forma de inspiração, veja-se o que os críticos literários Frederico Barbosa e Sylmara Beletti (2011) dizem sobre *A Escrava Isaura* no seguinte excerto de um ensaio:

Entre os precursores da literatura folhetinesca está o romancista e tipógrafo inglês Samuel Richardson (1689-1761). A sua novela *Pamela, ou a Virtude Recompensada*, publicada em 1741, certamente é uma das fontes de inspiração mais contundentes para a composição do romance de Bernardo Guimarães. Nessa obra, Richardson narra as desventuras de Pamela Andrews, filha de camponeses que é educada por uma senhora nobre que, ao morrer, a entrega aos cuidados de seu filho, o Conde de Belfart. Esse jovem inescrupuloso atenta contra a virtude de Pamela, assediando-lhe com ameaças vis e acaba por entregar-lhe a uma vulgar alcoviteira. Mas Pamela, como Isaura, consegue defender-se, mantendo intacta a sua honra.

Pelos títulos dos dois textos já se pode concluir que o cerne da história é a escravidão, enquanto a intertextualidade, logo nas primeiras linhas, torna-se flagrante, apesar da mudança do nome da personagem principal, de *Isaura* no romance para *Guiomar* no folheto de cordel. Aqui já se pode pensar nessa diferença de nome como uma forma de estratégia mercadológica do autor, deixando claro que, de fato, trata-se de outra obra. Tal hipótese afigura-se-nos aceitável, uma vez que Athayde, segundo seus biógrafos, embora tenha aprendido a ler por conta própria, possuía uma instrução escolar acima da média dos outros poetas de cordel, geralmente semianalfabetos, além do que, tendo sido grande editor, é provável que tenha tido mais possibilidade de ler outros autores da literatura nacional. De qualquer forma, o título ou quaisquer alterações de um texto para o outro seria pouco relevante, uma vez que os leitores do cordel do passado, quase sempre de reduzida ins-

trução escolar, dificilmente leriam um romance da literatura brasileira do porte de *A Escrava Isaura*.

Portanto, como exemplo da significativa intertextualidade nas duas obras, foram destacadas algumas passagens importantes dentre as muitas passagens presentes nas narrativas.

Excerto do romance: “Era nos primeiros anos do reinado do Sr. D. Pedro II. No fértil e opulento município de Campos de Goytacazes, à margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma magnífica fazenda” (p. 11).

Excerto do poema:

Foi nos tempos do reinado
do grande Pedro Segundo
No município de Campos
havia grande fazenda
situada num vagêdo
com bela vivenda
era grande senhor
Augusto Teles Varenda

(vv. 01, 02, 19, 20, 22, 23, 24).

A época em que a história se passa (reinado de D. Pedro II) e a localização geográfica da fazenda (Campos no Rio de Janeiro), onde Isaura ou Guiomar mora, são as mesmas; houve, entretanto, mais uma alteração: n’*A Escrava Isaura*, o nome do vilão é Leôncio, que passa a ser Augusto em *A História da Escrava Guiomar*, mas acrescido do sobrenome Teles Varenda. Alterações desse tipo possivelmente signifiquem apenas expedientes de que o poeta de cordel às vezes lança mão para construir seu poema e conseguir a rima dos versos, como (fazenda com Varenda).

Nos fragmentos seguintes, foram descritas as impressões causadas pela voz sublime da escrava, e cada autor cita a letra da melodia.

No fragmento do romance:

A favor desse quase silêncio harmonioso da natureza ouvia-se distintamente o arpejo de um piano casando-se a uma voz de mulher, voz melodiosa, suave, apaixonada, e do timbre o mais puro e fresco, que se pode imaginar. (p. 12)

No fragmento do poema:

O clarão do sol poente
Esse som puro argentino
todo edifício dourava
tão cheio de harmonia
naquele grande silêncio
o tom velado da cruz
uma voz dolente cantava
a sua dor exprimia
e a triste melodia
eis as estrofes sonoras
em piano acompanhava
que alguém cantando dizia

(Do verso 25 ao 36).

Um paralelo entre os versos do romance e os do folheto

No romance, assim diziam as quatro estrofes da melodia cantada por Isaura na página 12:

Desd' o berço respirando
Os ares da escravidão,
Como semente lançada
Em terra de maldição,
A vida passo chorando
Minha triste condição

Os meus braços estão presos,
A ninguém posso abraçar,
Nem meus lábios, nem meus olhos
Não podem de amor falar;
Deu-me Deus um coração
Somente para penar

Ao ar livre das campinas
Seu perfume exala a flor;
Canta a aura em liberdade

Do bosque o alado cantor;
Só para a pobre cativa
Não há canções, nem amor.

Cala-te, pobre cativa;
Teus queixumes crimes são;
É uma afronta esse canto,
Que exprime tua aflição,
A vida não te pertence,
Não é teu teu coração.

No poema, com as três estrofes seguintes, deste modo a escrava Guiomar cantava (vv. 37 a 54):

Como é triste viver
no jugo da escravidão
fui no lodo arremessada
oh! Vida de maldição!
O meu duro sofrimento
tira-me até a razão.

Os meus olhos são cativos
não podem de amor falar
nem a mim própria pertença
vivo num eterno penar
o meu coração escravo
não pode a ninguém amar.

Antes as aves dos bosques
têm a sua liberdade
no ar livre das campinas
gorjeiam à sua vontade
só para a infeliz cativa
não existe felicidade.

Como já se pode ver, através de inúmeros pontos de contato entre os textos, ocorre uma forma de entrelaçamento, e pode-se dizer que as letras da melodia cantada por Isaura (ou Guiomar) constituem um dos pontos mais altos dessa intertextualidade. Trata-se de um lugar em que os textos mais se inter-relacionam ou se cruzam (que seja relevada a metáfora), como as águas de dois rios, porque, quanto ao aspecto formal, nesse breve instante ambos são poemas. Esclarece-se, porém, que,

apesar da íntima relação entre as duas obras, mesmo nesse momento elas não se misturam totalmente, ou seja, o poeta de cordel não faz uma cópia dos versos de Bernardo Guimarães. É certo que o tema da canção continua mantido, mas sem que se repitam as palavras, ambas as letras expressam a tristeza e o lamento da jovem pela condição de cativa e infelicidade por não poder amar.

A escrava (Isaura ou Guiomar), criada com carinho pela patroa, é moça de refinada educação com raro talento para cantar e tocar piano. Além dessas qualidades, ao longo de ambos os textos, há dezenas de passagens que se repetem exaltando a beleza física e moral das heroínas. Como registro, observe-se a seguinte descrição da jovem, no romance e no poema, já suficiente para se obter o perfil da personagem.

A descrição no romance:

Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenhavam-se distintamente entre o ébano da caixa do piano, e as bastas madeixas ainda mais baixas do que ele. São tão puras e suaves essas linhas, que fascinam os olhos, enlevam a mente, e paralisam toda análise. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada (...), (p. 13).

A descrição no poema:

Terminando a melodia
a jovem fica um momento
com as mãos sobre o teclado
a cismar seu pensamento
e parecia escutar
sua voz açoitada ao vento.
A beleza da escrava
era de impressionar

dir-se-ia Vênus surgindo
dentre as espumas do mar
embora fosse singelo
o seu modesto trajar.
Olhos negros fascinantes
a tez fina e delicada
tinha a leve palidez
duma rosa desmaiada
e a escrava parecia
uma princesa encantada.
O traje da linda escrava
era de extrema pobreza
embora fosse de chita
mas a graça e a singeleza
davam-lhe a bela altivez
duma filha da nobreza

(vv. 61 a 84)

Por conseguinte, o romance e o poema, cada um ao seu modo, trazem um exemplo da extrema idealização da personagem, cuja perfeição é capaz de despertar a inveja até mesmo das mais belas damas da alta sociedade recifense. Embora Isaura, ou Guiomar, moça branca e oficialmente escrava assumisse essa condição de forma submissa, foge completamente ao estereótipo do cativo negro, sofrido e espoliado durante o período escravocrata no Brasil. De certo modo, o próprio autor reconhece e deixa subentendido com o adjetivo *excepcional* no capítulo XII (p. 70): “... a elegância e a elevação da linguagem, e outros dotes, que faziam com que essa escrava excepcional pudesse aparecer e mesmo brilhar no meio da mais luzida e aristocrática sociedade”.

O fato é que, nos dois textos, da introdução ao desfecho, os atributos físicos e o caráter da escrava sobressaem de forma generosa com uma fatura variada de qualificativos: bastas madeixas, tez como marfim do teclado, alva que não deslumbra, cor-de-rosa desmaiada, colo donoso, espessos e luzidios rolos. Também no poema: Vênus surgindo, olhos negros fascinantes, a tez fina e delicada, bela altivez. Todavia ambos os

autores fazem uma concessão quanto ao vestuário, que é humilde; mas a modéstia dos trajes da escrava, por contraste, realçava-lhe ainda mais a beleza incomum. Logo, verifica-se que, propriamente, a jovem não sofria maus-tratos físicos, como se poderia supor pela sua condição de escrava. Na verdade, os padecimentos da moça são morais, e em virtude do porte encantador, torna-se infeliz, por despertar paixões, ser perseguida pelos homens e invejada pelas outras mulheres. Enfim, a infeliz condição de Isaura pode ser ilustrada com o seguinte trecho extraído do romance (p. 46): Dentro da casa contava ela quatro inimigos, cada qual mais porfiado em roubar-lhe a paz da alma, e torturar-lhe o coração: três amantes, Leôncio, Belchior e André e uma êmula terrível e desapiedada: Rosa. Também ao longo do poema, repete-se com Guiomar a descrição das angústias de Isaura diante de frequentes importunações dos homens apaixonados. Assim como nestes versos:

Minha deusa, disse André
botando os joelhos no chão
está aqui um teu escravo
que implora o teu coração
até o senhor também?
Basta, não quero marido
estou assim muito bem

(vv. 469, 470, 471, 472, 476, 477, 478).

2.1. Um confronto entre os personagens dos dois textos

Para uma melhor percepção do inter-relacionamento dos dois textos, a seguir será feita uma síntese das características das personagens, onde aparecem disparidades significativas, das quais algumas serão citadas como exemplo. Do romance *A Escrava Isaura* para o poema de cordel *História da Escrava Guiomar*, são detectados os seguintes pontos: algumas personagens recebem nomes diferentes, como (Isaura, Guiomar/Elvira, Lindalva); (Leôncio/Augusto), (Malvina/Firmina), (Álva-

ro/Fernando), (Miguel/Anselmo), (Juliana/Luzia); outras mudam de profissão e/ou de identidade: (André: mulato pajem x mostrengo jardineiro). Além destas, outras não são mencionadas ou simplesmente não existem no poema: (Rosa x ?), (o jardineiro Belchior x ?), (Dr. Geraldo x ?). Pode-se crer que a omissão dessas personagens não ocorre por mero esquecimento do poeta, mas deriva-se de uma marcante característica da estrutura narrativa dos folhetos: a construção de histórias com enredos fluentes e descomplicados. A esse respeito, deve-se levar em conta o ensinamento contido no ensaio “Pobres leitores” da estudiosa da literatura de cordel Márcia Abreu (2011):

Buscando compor uma "história desembaraçada", os poetas evitarão o acúmulo de personagens, acompanhando apenas as atitudes dos personagens centrais envolvidos na trama. Não é habitual encontrarem-se personagens secundários envolvidos em tramas paralelas. Descrições detalhadas de ambientes, paisagens, fisionomias, estados de espírito tampouco são bem-vindas, assim como evitam-se intervenções digressivas do narrador.

A essa forma menos complicada de desenvolver a história do folheto, que procura ser mais direta, fluente e coerente, os poetas de cordel, como Rodolfo Coelho Cavalcante e Manoel de Almeida Filho, davam o nome de “oração”. Embora sejam gêneros literários tão distintos, é possível dizer que romantismo e cordel possuem pontos em comum, uma vez que boa parte das obras da Escola Romântica posicionou-se a favor dos ideais abolicionistas, denunciando o sofrimento do escravo, enquanto o poeta de cordel, como autêntico porta-voz da sua comunidade, colocou, em muitos folhetos, sua literatura em defesa do sertanejo pobre e injustiçado. A despeito dessa convergência de ideias, existem, além das discrepâncias já assinaladas entre as personagens, outras diferenças relevantes que mostram certos aspectos que distinguem o folheto de cordel de qualquer outro tipo de gênero literário. Haja vista versos como estes:

numa canoa de pesca
pra outra plaga seguiu
e entre o mar e o céu
a barquinha se sumiu.
Navegaram vinte dias
chegaram noutro estado

(vv. 831 a 836).

Note-se que, no romance, com um relato mais verossímil, a escrava Isaura foge com o pai num barco e depois toma um navio negreiro que seguia para Recife. Por sua vez, no poema de cordel, onde os fatos mais improváveis são possíveis, candidamente os fugitivos (um senhor e uma mocinha indefesa) arriscam-se num pequeno barco de pesca e durante vinte dias enfrentam o oceano em direção a outro estado. Trata-se, portanto, do vestígio do lirismo característico do cordel, onde muitas histórias plenas de simplicidade e acasos seguem sua própria lógica.

No poema, o autor se refere a personagens, que não existem no romance de Guimarães, como o visconde e a viscondessa com os quais Guiomar (ou Lindalva) trava relações sociais, ainda que tenha de imaginar um segundo baile para ela:

Dias depois Guiomar
foi outra vez convidada
para uma festa imponente
fidalgamente acolhida
a viscondessa tratou-a
como pessoa querida

(vv. 1003 a 1005), (1010 a 1012 1012)

Essa passagem parece revelar a tendência da literatura de cordel, que consiste em trazer para a história uma nostálgica aura de medievalidade com a introdução de personagens da nobreza, como reis, príncipes duques e condes.

3. *Considerações finais*

Observe-se que a escrava Isaura chega ao desfecho com a derrocada do vilão, quando Bernardo Guimarães, ao empregar uma frase sucinta, coloca um ponto final, definitivo, logo depois de citar a arma do suicídio: “Leôncio tinha-se rebentado o crânio com um tiro de pistola”.

Depois disso, ou seja, com a destruição de Leôncio, o leitor do romance já sabe que não há mais a acrescentar, e tudo o que viesse poderia ser menos contundente e/ou apenas supérfluo. Entretanto, no poema, de acordo com o gosto literário fantasioso do cordel, mesmo depois da morte de Augusto, a obra não está acabada, estende-se, e esse aspecto talvez represente a maior diferença de enredo entre os dois textos. O poeta de cordel e certamente seus leitores não se satisfazem com um desfecho conciso, como se desejassem conhecer os mínimos detalhes da história, de forma cabal, e fruir a vingança e os últimos estertores do vilão abominável:

Arrombaram então a porta
Augusto estava caído
junto dele uma pistola
o peito todo ferido
seus olhos estavam cerrados
ele já tinha morrido.

(vv. 1397 1387, 1388, 1389, 1390, 1391, 1392).

Mesmo com a extinção do vilão, a história ainda se estende, quando o poeta relata o completo triunfo da heroína Guiomar mediante o casamento, com lua de mel passada na Itália e Veneza, lugares idílicos e longínquos, uma vez mais seguindo o estilo pomposo característico do folheto de cordel:

com sua esposa Guiomar
para a Itália embarcou
a sua lua de mel
em Veneza ele passou.

(vv. 1395 /1396 /1397/ 1398).

Enfim, chegando à derradeira estrofe impregnada de valores positivos e religiosos, Athayde, em alusão à pureza de alma da escrava, faz uma sublimação da inocência e deixa um exemplo moral, quase um conselho aos leitores do seu folheto:

Leitores, a inocência
jamais será ultrajada
seja onde for ela é pura
nunca pode ser manchada
Deus ofertou à inocência
uma divisão sagrada.

Versos como esses, frequentes nas conclusões dos folhetos, representam a tentativa de mostrar a supremacia do bem sobre o mal, como uma forma de punição, ensinamento e exemplo, artifício que constituía um dos recursos mais utilizados pelos poetas da literatura de cordel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Pobres leitores*. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/marcia>. Acesso em: 26-07-2011.

AMADO, Jorge. *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Rio de Janeiro: 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

ATHAYDE, João Martins de. História da escrava Guiomar. In: *100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.

BARBOSA, Frederico; BELETTI, Sylmara. Disponível em: <<http://fredb.sites.uol.com.br/eisaura>>. Acesso em: 12-07-2011.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 1998.

REZENDE, José Camelo de Melo. O romance do pavão misterioso. In *100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: ABCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2008.